

O reforço da autoestima

A autoestima para a mulher negra é uma ferramenta essencial de enfrentamento contra a desvalorização sistemática imposta pela sociedade. De acordo com Winnie Santos, psicóloga e coordenadora de projetos no Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), a construção da autoimagem feminina negra é marcada desde a infância por um sentimento de não pertencimento.

“Desde cedo, somos colocadas em um lugar de não pertencimento, especialmente no que diz respeito à beleza e à afetividade”, explica. Ela ressalta que a mulher negra precisa fazer um exercício constante de valorização da própria autoimagem. Compreender-se como alguém que é belo, que pode ser amado, cuidado, preferido e não preterido.

Esse histórico de desvalorização é intensificado pelo racismo institucional, que atua no abalo contínuo da autoestima em diversos ambientes. Winnie aponta que o racismo opera sutilmente desde a primeira infância — a partir da menor atenção e acolhimento recebidos (a “democratização do colo”, como escreve

sua irmã, a escritora Jussara Santos, no livro com esse título) — até o ambiente de trabalho, onde mulheres negras, historicamente, ocupam posições mais precarizadas e recebem salários inferiores.

Dados comprovam a fala de Winnie. Segundo o levantamento do Instituto Brasileiro de Economia, no primeiro trimestre de 2023 a remuneração média das mulheres negras era de R\$ 1.948, o que equivale a 62% do que as mulheres não negras ganham, 80% do que os homens negros ganham e 48% do que homens brancos ganham.

A psicóloga também critica a forma como a mulher negra é percebida no serviço de saúde. “No sistema de saúde, a mulher negra é vista como mais forte, e sua dor não é levada tão a sério quanto a dor de uma mulher branca.”

Esse histórico, para ela, é um reforço contínuo do “não lugar”, que exige um esforço desgastante de provar que se é merecedora.



Amor maldito (1984), primeiro longa dirigido por uma mulher no Brasil

Uma história de cinema

A cineasta Adélia Sampaio, primeira mulher negra a dirigir um longa no Brasil, conta que a dificuldade de acesso foi a regra desde o início. “A oportunidade é muito difícil para mulheres negras. Para as brancas, é mais tranquilo.” Sua trajetória é marcada por ausências e resistências. “Minha mãe era empregada doméstica. Fiquei muito tempo no asilo até reencontrá-la.” E foi em meio a essas vulnerabilidades que ela descobriu o cinema. “Quando vi *Ivan, o terrível*, eu disse: ‘Vou fazer isso. De um jeito ou de outro vou fazer cinema’.”

Mesmo juntando pedaços de película, mesmo sem portas abertas, ela persistiu e transformou cada porta fechada em impulso criativo. A rejeição inicial ao financiamento de *Amor maldito*, por abordar um romance entre duas mulheres, poderia ter encerrado sua trajetória. Mas ela escolheu o contrário: reuniu aliados, conquistou o apoio inesperado de uma engenheira que acreditou em seu sonho sem sequer ler o roteiro, e mobilizou amigos e atores para viabilizar o longa. Foi assim que, mesmo diante do preconceito institucional, escreveu seu nome na história.

A recepção hostil ao filme também não a deteve. Adélia aceitou lançá-lo travestido de pornô, única forma encontrada para garantir sua circulação na época. A estratégia, embora amarga, abriu caminho para que *Amor maldito* chegasse ao público e fosse finalmente reconhecido como uma obra sociológica e corajosa. A crítica de Leon Cakoff, denunciando o absurdo da classificação, reposicionou o longa, permitindo que ele ganhasse novas salas, pagasse seus custos e alcançasse festivais internacionais. Era a prova de que, apesar de todos os obstáculos, sua visão artística não poderia ser silenciada.

Aos 81 anos, Adélia segue observando mudanças que a emocionam. Ela celebra cada jovem negra que hoje ocupa a cidade com seus cabelos naturais, livres,

Divulgação/Malala Filmes



“A oportunidade é muito difícil para mulheres negras. Para as brancas, é mais tranquilo”

Adélia Sampaio, cineasta

fortes, afirmados. Esse gesto cotidiano, diz, é também uma conquista coletiva. É o reflexo de uma luta longa, a dela e a de tantas outras, para que mulheres negras pudessem existir com dignidade, estética, autonomia e desejo.